



O PAÍZ TIMBIRA

Foto capa: Vista da nova Aldeia Nova do povo Krahô | 2012
Foto: Lucas Bonolo | Acervo CTI

Projeto
“Cultura Viva Timbira. Ampliando horizontes: um diálogo com os povos Timbira”.
Coordenação: Maria Elisa Ladeira e Daniela Leme da Fonseca

Exposição: O Paíz Timbira
Curadoria: Maria Elisa Ladeira
Assistente: Helena Ladeira Azanha
Colaboração: Pablo Galeão, Juliana Noletto
Produção executiva: Elisete Noletto, Ana Tomasuolo
Design Gráfico: Anticorp Design
Gráfica: NGD - Núcleo Gráfico Digital
Som: CD Amjkĩn

Filme: Festa para Xopê
Direção: Lucas Bonolo
Produção: Gavano Filmes e Centro de Trabalho Indigenista

Centro de Trabalho Indigenista-CTI
Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pënxwyj Hëmpejxà

apresentam a exposição

O PAÍZ TIMBIRA

Paíz Timbira é como o pesquisador do início do século passado, Curt Nimuendajú, se referia aos povos que formavam uma grande unidade étnica e que podiam ser identificadas facilmente por características comuns, como a língua, o sulco horizontal no cabelo, as rodela auriculares, a aldeia circular e a corrida de toras e que ocupavam, quando do contato com a sociedade nacional parte do quadrilátero formado pelos cerrados do Maranhão (central e meridional) parte do norte do Tocantins e a ponta da hiléia amazônica no Pará.

*Falar dos Timbira é falar do Cerrado.
E falar do Cerrado é falar dos
Timbira e dos povos indígenas do
Brasil Central.*

*Falar dos povos indígenas do Brasil
Central é falar um pouco de cada
um de nós, moradores desta região
do Brasil.*

*Você está convidado a entrar no
PAÍZ TIMBIRA.*

Seja Bem Vindo!



Jovens Gavião Pykobyê | 2010

Foto: Pesquisadores Gavião | Acervo CTI



Apresentação

A exposição **Paiz Timbira** é o produto final do projeto, *Ampliando Horizontes: um diálogo intercultural com os povos Timbira*, com patrocínio do Programa Banco Nordeste de Cultura/BNDES edição 2012. O projeto é uma realização do Centro de Trabalho Indigenista/CTI e do Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pënxwyj Hëmpejxà em parceria com a Associação Wyty Catë dos Povos Timbira do Maranhão e Tocantins e a Fundação Nacional do Índio, em especial das Coordenações Regionais do Araguaia-Tocantins (CR-Palmas) e do Maranhão (CR-Maranhão).

Apesar de enormes perdas territoriais e populacionais, os Timbira continuam fazendo jus às descrições de Gonçalves Dias quanto a sua resistência, dignidade e altivez que décadas e décadas de preconceitos e políticas colonialistas não foram capazes de dobrar e submeter.

Partindo da máxima “é difícil respeitar o que não se conhece”, a aposta desta exposição é na divulgação e valorização do patrimônio cultural dos povos Timbira e de seus sistemas de conhecimentos, mostrando seu modo de ser e de se relacionar com o mundo.

Esta exposição, a projeção do filme **Festa para Txopet** e a oferta de palestras para os alunos das escolas públicas das cidades dos entornos das Terras Timbira, buscam a troca de conhecimento e a valorização do modo de vida dos povos Timbira que habitam o Cerrado desde tempos imemoriais.

A exposição inaugurada na cidade de Carolina (MA), território de ocupação histórica destes povos, deve percorrer algumas cidades da região do entorno das Terras Timbira, e depois retornar para integrar o acervo do Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pënxwyj Hëmpejxà.

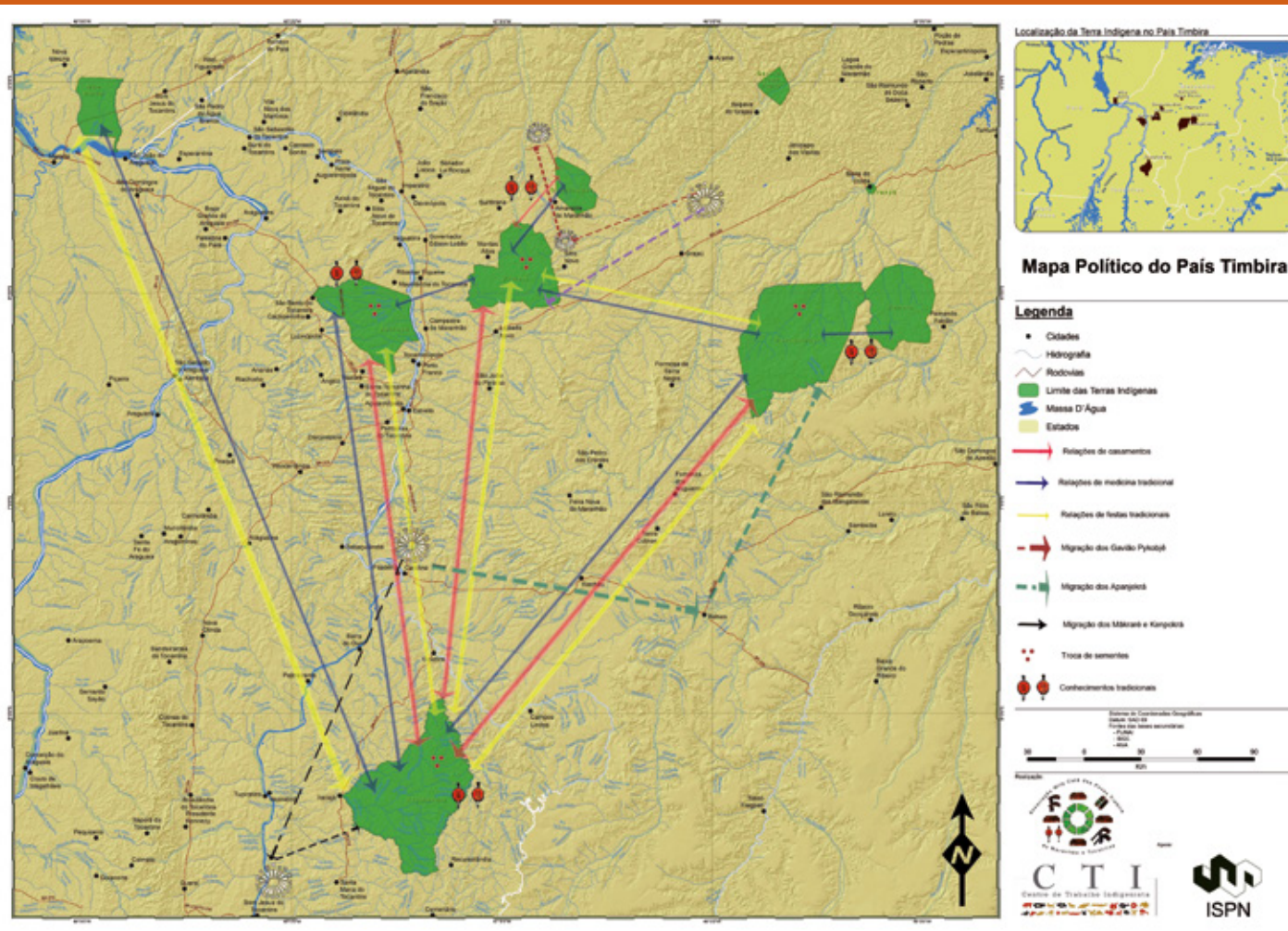
Maria Elisa Ladeira

Mulher Canela Ramkokamekra | 2007
Foto: João Morita | Acervo CTI

Krahô, Gavião-Pykobjê, Krikati, Apinajé, Canela-Apãniekra, Canela-Ramkokamekra, Kreje, Krepynkatejê, Gavião-Pàrcatejê.

Estes são os povos remanescentes da Nação Timbira, ocupantes tradicionais de uma grande extensão de terras nos cerrados do norte do Tocantins e sul do Maranhão, área invadida e colonizada por criadores de gado a partir do início do século XIX.

A população Timbira hoje é de quase **10 mil pessoas** distribuídas em **63 aldeias** e **7 Terras Indígenas**. Atualmente seus territórios formam pequenas ilhas com extensões que variam entre 50 e 300 mil hectares.





Crianças Krahô | 2003

Foto: Bento Viana | Acervo CTI



Crianças Krahô | 2003

Foto: Bento Viana | Acervo CTI

Apesar dos mais de 200 anos de contato com a sociedade nacional, marcado pela disputa pela terra e pela forte discriminação e preconceito, os velhos Timbira continuam a incentivar os jovens para que sigam o modo de vida dos *meh̃n* (índios Timbira), para que continuem residindo junto com seu povo nas aldeias circulares, falando sua própria língua, correndo com tora, se pintando e participando de seus rituais.



Meninas Krahô aprendendo a ser cantadoras | 2006

Foto: Demian Nery | Acervo CTI

Os Timbira atuais incorporaram em seu modo de vida itens de consumo e alguns costumes dos cõpẽ (não indígenas), como cachorro, espingarda, gado, panela, escola, forró, facão, tecido, miçanga, bicicleta, moto entre outros. E, criaram novas formas de se organizar politicamente, como as associações indígenas, marcando seu relacionamento com a sociedade nacional de outra forma que não a guerra.

Criança Apinajé tocando teclado | 2010
Foto: Peter Caton | ISPN | Acervo CTI





Menina Krahô enfeitada para ritual | 2012

Foto: Lucas Bonolo | Acervo CTI



Escola Tímbira no Centro Pënxwyj Hëmpëjxà | 2003

Foto: Bento Viana | Acervo CTI

Entre os Timbira são constantes os convites de uma aldeia à outra para a participação nos rituais, que duram muitos dias. Estas trocas e visitas entre as aldeias permitem que os conhecimentos específicos de cada um desses povos circulem no universo mais amplo do *Paíz* Timbira e possibilitem o seu fortalecimento cultural e a sua unidade social e política.



“Festa da Laranja” na aldeia Escalvado do povo Canela Ramkokamekra | 2009

Foto: Odair Giralдин | Acervo CTI

A vida é regulada pelas estações do ano. Para os povos Timbira, o tempo é visto como uma sequência de verão, estação da seca (*amcró*), e inverno, estação das chuvas (*ta'ti*). Estas estações próprias do cerrado regulam os dois períodos cerimoniais da vida social e de suas atividades produtivas. Grande parte dos rituais ligados ao ciclo anual (colheita do milho, da batata doce, etc.) se concentra no período da estação das chuvas, enquanto a estação de seca é reservada para a realização de um dos ritos ligados à iniciação dos jovens na vida adulta.

Ritual de iniciação aldeia Escalvado do povo Canela Ramkokamekra | 2006
Foto: Rodrigo Folhes | Acervo CTI



As atividades cotidianas nas aldeias seguem um calendário ritual, regulado pelas atividades do “pátio” (càà), centro das aldeias circulares e lugar das decisões políticas e da vida ritual. É no pátio que, toda manhã e no final da tarde, os homens se reúnem para decidir as atividades do dia e para o início, conclusão ou prosseguimento de um determinado ritual.

As estações também regulam a vida política. A cada estação, verão e inverno, se escolhe um cÿpihÿpinxwyn, traduzido como “prefeito” pelos Timbira. Esse homem lidera as reuniões no pátio. E quando muda a estação, muda também a liderança da aldeia para a outra metade cerimonial.



Vista do Pátio da aldeia Escalvado do povo Canela Ramkokamekra | 2006

Foto: Rodrigo Folhes | Acervo CTI

A casa (*ikré*) é da mulher, assim como a roça, locais onde têm lugar as atividades de geração e procriação dos filhos. Cada casa abriga os dois únicos grupos sociais da vida cotidiana Timbira: a família elementar – pai, mãe e filhos – e o grupo doméstico, formado de pelo menos duas famílias elementares. Como por exemplo, a família da mãe e da sua filha casada. As mulheres casadas permanecem sempre junto com suas mães. Os homens, ao se casarem, devem residir na casa da mãe da sua esposa.



Vista interior da casa do povo Canela Apanjekra | 2010

Foto: Fabrício Fernandes | Acervo CTI

Um bom genro é aquele que é um bom caçador. Os genros trabalham na roça dos sogros e repartem a carne conseguida entre todos da casa. Mas, apesar de dar a maior parte para sua mulher e filhos, o homem sempre deixa um pedaço da caça abatida por ele na casa da sua mãe e irmãs.



Jovens Krahô, atrás vista da nova aldeia Nova | 2012

Foto: Lucas Bonolo | Acervo CTI

A caça tem mantido sua importância, seja como fonte de proteínas ou, sobretudo, como a atividade masculina por excelência. Ser um bom caçador traz prestígio para um homem Timbira, porém é necessário respeitar diversos resguardos desde a infância, para que o caçador se especialize em algum tipo de ambiente (chapada ou mata) ou algum tipo de caça específica. A escassez crescente da caça em todos os territórios Timbira não impede que a atividade de caça seja ainda o assunto preferencial das conversas dos homens.

Homem Krahô durante caçada | 2012
Foto: Lucas Bonolo | Acervo CTI



Atualmente os Timbira caçam utilizando espingardas de fogo, arco e flecha e baladeiras. Utilizam cachorros nas caçadas. Queixadas, emas, caititus, veados e antas – antes abundantes – são hoje raros e os animais menores em geral aparecem como resultado das suas caçadas.



Criança Apinajé com arco-flecha | 2010

Foto: Peter Caton | ISPN | Acervo CTI

As festas (*amji kin*, que significa “alegrar-se”) é que dão movimento e vida para a aldeia (*krim*). E cada festa tem seu conjunto de pinturas, cantos, corrida de toras.

“Um krim (aldeia) sem pintura é um krim sem movimento e não queremos que isso aconteça nunca. Todo mundo fica triste. A pintura abastece o Krahô.”

Creuza Prumkwyj Krahô

Mulher Krahô pintando criança com urucum | 2010
Foto: Júlia Trujillo | Acervo CTI



Para um Timbira, cantar é conhecer os detalhes do ambiente em que vive. Pode-se dizer que o mundo é cantado por esses povos, e canta-se praticamente todo o tempo numa aldeia. Há cantos para serem cantados no *krĩcapé* durante o dia, há cantos específicos para a madrugada, para o começo da noite, para o alvorecer. Cada ritual tem seu próprio conjunto de cantos.

O cantador (*cu'tõicatê*) canta e dança com seu maracá no pátio da aldeia diante de uma longa fileira de cantadoras, as *hõcrepoj*, que formam o coral feminino. Em muitas ocasiões rituais e cotidianas, há intervenções de outros instrumentos musicais, de sopro e percussão. Por meio dos cantos, todo o conhecimento sobre o mundo é transmitidos às gerações seguintes.



Jovens cantadores Canela Ramkokamekra | 2012

Foto: Daniela Fonseca | Acervo CTI

Em todos os rituais, os Timbira correm com as toras. As corridas de toras são corridas de revezamento com troncos de madeira e consistem em uma disputa entre dois grupos de homens ou mulheres, divididos de acordo com suas metades cerimoniais. As toras são específicas de cada ritual, desde a madeira utilizada em sua confecção, as pinturas que as enfeitam, as canções que são entoadas em cima delas.

Homens Canela Ramkokamekra correndo com a tora | 2011
Foto: Helena Ladeira | Acervo CTI





Mulheres Krahô correndo com a tora | 2010

Foto: Pesquisadores Krahô | Acervo CTI



Início da corrida com a tora do ritual de fim de luto Krahô | 2010

Foto: Júlia Trujillo | Acervo CTI

Cestos, esteiras, peneiras, abanadores, tapitis e tipoias são alguns dos artefatos mais comuns numa aldeia Timbira. Feitos principalmente de palha, material abundante no Cerrado, podem ser trançados ou tecidos. São artefatos leves, fáceis de transportar e resistentes ao choque. Em sua grande maioria, descartáveis e facilmente repostos.

Mulher Canela Apanjekra fazendo cesta | 2011
Foto: Fabrício Fernandes | Acervo CTI



Mulher Canela Apanjekra fazendo cesta / 2011
Foto: Fabrício Fernandes / Acervo CTI

Os Cestos são presença constante em todas as atividades, da caça à coleta, para armazenar e transportar. Há uma variedade imensa de cestos, desde os simples e descartáveis, trançados rapidamente, até os mais complexos e enfeitados, que duram muitos anos. Os cestos são confeccionados com folhas, fios e talos de buriti, tucum, guarumã, piaçava, marajá, buritirana, bacaba e babaçu, do qual ainda pode-se usar o olho e as raízes.

Mulher Gavião/Krikati carregando cesto | 2009
Foto: Pesquisadores Gavião | Krikati | Acervo CTI



A sobrevivência física e cultural dos povos Timbira depende da disponibilidade de uso de seus territórios tradicionais, muitos hoje ocupados pelo agronegócio e ameaçados por projetos de desenvolvimento e de infraestrutura.



Pé de bacuri rodeado pela plantação de soja | 2010

Foto: Peter Caton | ISPN | Acervo CTI

O Cerrado está ameaçado. Estudos indicam que este ambiente está desaparecendo rapidamente. Dos 204 milhões de hectares originais, restam apenas 43% e metade dessas áreas pode não mais servir para a conservação da biodiversidade.

“Hoje não tem mais nada, cristão acabou com tudo. Nem caça não tem, não tem mais veado, não tem paca, não tem catingueiro, não tem mais. Aí é só capim. Você pode andar por aí na volta da nossa terra e é só capim; só tem mais é gado, galinha, porco. Aí não tem mais mata, caça, madeira, acabou tudo.”

Paulo Thugran Apãniekra



Carvoaria no cerrado maranhense | 2010

Foto: autor desconhecido | Acervo CTI

A depredação do Cerrado se reflete no interior das Terras Indígenas. Os povos Timbira estão sendo obrigados a viver em uma situação de escassez de recursos naturais.

“*tinha muita caça, anta e veado, caititu, catingueiro, aqui tinha tudo e daquele tatu grande...cadê? não mata mais nada...cadê peba, que é muito grande, deste tamanho? Não tem não, acabou. Porque madeireiro estragou todo esse mato grande, daí da aldeia. Primeiro que é mata inteira, tinha muita caça...acabou caça toda, não tem mais caça grande não*”.

Romão Apinajé

O Cerrado guarda em sua paisagem a presença milenar desses povos e do seu modo próprio de uso e ocupação. Os povos Timbira não são “proprietários” das terras que ocupam. Essas são de propriedade da União. Os povos Timbira têm sido os grandes GUARDIÕES das riquezas naturais e são os que zelam pela existência da vida no Cerrado.

“*Riqueza nossa é as caças, copaíba, almécega, cumaru. Nós temos que zelar, senão acaba todos os bichinhos, todos os pé de pau, cristão não tem pena não, não pensa que todos somos viventes e precisamos dos frutos, da água, dos pé de pau, das palhas. Eu falo isso sempre para os meus netos. Dinheiro acaba*”

Damásio Gavião



Crianças Apinajé brincando no rio | 2010

Foto: Peter Caton | ISPN | Acervo CTI

*Cerrado em Pé
Cultura Viva
Timbira Cultura
Viva Timbira
Cerrado em Pé
Cerrado em Pé
Maranhão e
Tocantins em Pé
Cerrado em Pé.*

REALIZAÇÃO



PARCERIA



APOIO

